



*Materialidade arqueológica:
entre a Geografia e as
Sociedades Humanas*

**PRESUMÍVEIS MILIÁRIOS DO ITINERÁRIO ROMANO
PESO DA RÉGUA – MOIMENTA (*ARABRIGA?*) –
MARIALVA (*CIVITAS ARAVORVM*)**

**PROBABLE MILESTONES FROM THE ROMAN
ITINERARY PESO DA RÉGUA – MOIMENTA
(*ARABRIGA?*) – MARIALVA (*CIVITAS ARAVORVM*)**

Recebido a 02 de setembro de 2021

Revisto a 08 de setembro de 2021

Aceite a 15 de setembro de 2021

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património
Rua Eça de Queiroz, 89
Pampilheira
P – 2750-662 Cascais
jde@fl.uc.pt

José Carlos Santos

Licenciado em Arqueologia
Av. da Liberdade, 34
P – 3620-373 Moimenta da Beira
turirotas@gmail.com

Resumo

Dá-se conta da localização de marcos que, apesar de anepígrafos, poderão ter pertencido a um itinerário romano da Lusitânia, que se procurou identificar.

Palavras-chave: Vias romanas, miliários, Arabriga, civitas Aravorum.

Abstract

In spite of the absence of the usual inscription, we think that the landmarks found at a limited region in the Northern Roman Lusitania were probably milestones. Therefore, we present their exact localisation to better recognize the Roman ancient road.

Keywords: Roman roads, milestones, Arabriga, civitas Aravorum.

Prospeções realizadas no território dos concelhos de Armamar, Tarouca, Moimenta da Beira e Sernancelhe levaram à identificação de colunas que, pela sua forma, dimensões e localização, se afiguram suscetíveis de terem sido miliários do itinerário romano Peso da Régua – Moimenta da Beira (*Arabriga?*) – Marialva (*civitas Aravorum*), delineado no sítio www.viasromanas.pt.

Lançado em 2004 por Pedro Soutinho, esse sítio, em permanente actualização, constitui mui louvável iniciativa no sentido de se irem identificando, com a colaboração de todos, através dos vestígios existentes, o traçado das vias romanas no território português. «Um repositório de todo o trabalho e esforço dos muitos autores que se têm dedicado a este tema», escreve Pedro Soutinho.

É nesse sentido que vai a nossa contribuição, porque os marcos a que vai fazer-se referência, não foram ainda, que se saiba, objeto de estudo epigráfico propriamente dito. Aliás, estão, na sua totalidade, anepígrafos e foram as citadas características de forma e dimensões que nos levaram a referi-los. Publicam-se, assim, com as devidas reservas, na expectativa de que se aprofunde a sua investigação, para mais adequadamente serem incluídos, ou não, na antiga rede viária desta região, que detém provas evidentes de prolongada permanência dos Romanos.

1. O itinerário de Peso da Régua a Marialva

Segundo a proposta de Pedro Soutinho em www.viasromanas.pt, este itinerário teria origem na travessia do Rio Douro junto à Régua, vigiada pelo povoado romanizado do Torrão (no alto, junto à margem sul), e ascendia, a partir daqui, pela encosta na margem direita do Rio Varosa, até atingir Valdigem.

Seguia pelo território do concelho de Armamar, atravessando Queimada e Queimadela, ao longo do Monte Raso, vasto planalto onde a passagem estaria muito facilitada, até à encruzilhada no sítio do Padrão, entre Meixedo e Passos.

A partir do Padrão, possíveis vestígios da via foram apagados pela criação do Aeródromo de Santiago, entretanto desactivado e aproveitado para plantação de pomares. Prosseguia a poente da Ermida de São Gregório, para entroncar na actual Estrada Municipal 520, a 11 milhas do Rio Douro e próximo de Cimbres.

Continuava pela base leste do alto da Capela de Senhora da Graça e da Senhora da Saúde, atingindo Vila Nova; e, depois, pelo estradão em terra que passa nos topónimos Novais, Serra e Lameira Longa, descendo daí até à povoação de Sarzedo, em direcção a Moimenta da Beira, onde poderia ter existido uma *mutatio*, onde bifurcaria para Marialva (a *civitas Aravorum*) e Mérida (*Augusta Emerita*, capital da Lusitânia).

Seria esse o eixo principal, seguindo, em geral, uma orientação noroeste-sudeste, evitando as grandes variações de altitude e as difíceis travessias dos cursos de água da região.

Ao que tudo indica, número significativo dos padrões ora identificados poderá ter sido reutilizado, em época mais recente, para demarcar especialmente o território do couto do Mosteiro de Salzedas. Na verdade, o couto era limitado a norte e a este por essa via, que, em documentos medievais (Castro, 2013, pp. 109-115, 2013a, pp. 34-35, 2014, pp. 45-46), aparece designada como *estrada mourisca*:

– *et per illa estrada mourisca et dividit per Semada* lê-se na Carta de Doação feita por D. Afonso Henriques, a 13 de Abril de 1152, a D. Teresa Afonso, conforme consta do *Livro de Doações do Mosteiro de Salzedas*, que é um extracto do livro manuscrito de Frei Baltazar dos Reis *Breve Relação da Fundação e Antiguidade do Mosteiro de Santa Maria de Salzedas* (http://viasromanas.pt/dc/LDMS-f61_Salzedas.htm).

– *viam antiquam usque in Monte Rasum* é a expressão patente na Carta de Firmidão ao Mosteiro de Santa Maria de Salzedas de Dom Afonso Henriques, dirigida ao

Abade João Nunes, a 29 de Janeiro de 1161. (*Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios*, DOC. 277).

Deste modo se confirma a travessia do Rio Douro na Régua, dando continuidade às vias provenientes de Chaves (*Aquae Flaviae*) e Braga (*Bracara Augusta*).

Com efeito, na linha divisória entre os concelhos de Armamar e de Tarouca, ou muito próximo desta baliza, foi possível observar marcos de granito que reforçam essa proposta, assinalando o limite do antigo couto, nomeadamente:

– ao longo do Monte Raso, donde, segundo informação colhida no local, foi retirado um marco que estava entre São Lourenço e Casal, desconhecendo-se o seu actual paradeiro;

– em Queimadela, a sudeste da Capela de São Lourenço (Figura 1) – vide Castro, 2013a;

– no sítio de Casal, possivelmente o que está designado «de Soito» (cf. Castro, 2013a; Soutinho, 2021, ad n. 731-733 e Teixeira, 2021, Ad n. 731-733 – Figura 2);

– em Padrão (Figura 3) – vide Castro, 2013a;

– em Campo (Figuras 9 e 10) – vide Castro, 2013a, pp. 34-35; Soutinho, 2021, ad n. 731-733; Teixeira, 2021, ad n. 731-733;

– no topónimo Pocinhos (Figura 11);

– em Vale Cavaleiro (Figura 12), topónimo que deriva, segundo a tradição, de ser por aí que antigamente levavam, a cavalo, o correio à população;

– e em Lameira Longa (Figura 13).

Apresentam as dimensões típicas dos miliários romanos e em todos se verificou a existência, no topo, de uma cruz gravada, o que indicia a sua utilização como marcos do referido mosteiro.

Nas povoações de São Romão, Passos e Santiago foram identificadas mais colunas (Figuras 4, 5, 6, 7 e 8), que sugerem a existência de um outro itinerário. Têm igualmente forma cilíndrica e proporções próximas do que se considera normal nos miliários.

Em São Romão, acharam-se três perto da igreja matriz. A aldeia, reza a tradição, terá, inclusive, tomado o nome do soldado romano São Romão de Antioquia, que se converteu ao Cristianismo e foi martirizado, tal como acontecera a São Lourenço, venerado na vizinha povoação de Queimadela. Nos arredores foram recolhidos fragmentos de cerâmica de construção (*tegulae*, por exemplo), que poderão estar relacionados com a prévia existência de um habitat romano.

Em Passos, à beira da EM 545, junto ao nicho da Senhora da Livração, está outra coluna. Crê-se que a via se ramificaria aqui, para sul, em direção ao Padrão, e para Este, em direção a Santiago, onde apareceu uma lápide funerária (Monteiro, 1999, p. 194, Encarnação & Santos, 2021, FE 780).

Por certo, uma variante de Santiago seguiria para Gogim, onde, de acordo com www.viasromanas.pt, continuaria entre Lumiares e São Cosmado pela Quinta do Vale, Quinta de Lama de Frades, Carvalhal, tomando depois a calçada de Lajeirão, passando nos topónimos Castelo, Lagoeira, Plaino e Lameira Longa, onde entronca no Itinerário Régua – Moimenta. O orago Santiago é mais um dado que aponta para a existência de um antigo traçado viário.

Cabe mencionar o Castro de Goujoim, um povoado fortificado da Idade do Ferro sobranceiro ao Rio Tedo que, mais tarde, foi romanizado. Está localizado na fronteira entre *civitates*, dado que a cerca de uma milha a norte deste, no sítio das Lameiras, apareceu um raro *terminus augustalis* (Vaz, 1979, pp. 133-138), demarcando a divisão territorial entre os *Coilarni* e os *Arabrigenses*. Nos acessos ao castro registam-se extensos troços de calçada.

A via atravessava a zona planáltica entre Sarzedo e Vila Chã da Beira, para Leste, seguindo na direção de Moimenta da Beira, passando em Beira Valente, onde subsiste um troço conhecido por Estrada Larga e uma ponte provavelmente desse período. Entre Sarzedo e Beira Valente existem ainda algumas centenas de metros de calçada. Segundo Gonçalves da Costa (1979, pp. 144-145, p. 633), a via passava próximo dos sítios romanos de Carguencho, onde foi descoberto um sarcófago medieval (Santos, 2012, nº 96); Cidade da Mouraria; Cabeça, onde têm sido encontrados inúmeros fragmentos cerâmicos que apontam para um povoamento antigo.

Em concordância com www.viasromanas.pt partindo de Igreja, o itinerário seguia em direção ao Bairro da Corujeira, onde subsiste um lagar escavado na rocha, popularmente apelidado de “Forca” (Santos, 2009, nº 9), relacionável com eventual espaço habitado ou de exploração agrícola, da época romana ou medieval.

Entre a Igreja de São Baptista e a Curojeira, atravessava os lugares das Fontainhas e Cinco Ruas, como se deduz de outra pedra com o feitio de miliário (Figura 14), que foi aproveitada na esquina de uma casa particular, virada para a Capela de Nossa Senhora do Amparo, perto do Terreiro das Freiras. Cremos, pois, que não estará correcta a hipótese, lançada por António Bento da Guia (2002, pp. 27-37) e secundada por Jaime Ricardo

Gouveia (2009, pp. 34-72), de que esta coluna teria pertencido ao desaparecido pelourinho de Moimenta.

A via continuava por Arcozelo do Cabo, onde existem vestígios de calçada, nomeadamente no lugar da Portela, e uma coluna (Figura 15), embora sobre esta possa haver dúvidas acerca da sua classificação como miliário.

Seguir-se-ia Arcozelo da Torre, onde foram detetados dois silhares almofadados e Granja dos Oleiros (*Arabriga?*; importante *vicus* de Rochela/Arrochela).

Estender-se-ia até Vide (Vieira, 2004, p. 37), onde foram identificados três elementos que lembram os marcos romanos (Figuras 16, 17 e 18). Perto do sítio onde se localizou um deles há o topónimo Carreira, que, podendo ter a sua origem etimológica no vocábulo latino *carraria*, «estrada rústica, caminho», se nos afigura bem sugestivo no âmbito viário em que ora nos movimentamos.

O território dos *Arabrigenses* poderá corresponder grosso modo ao atual concelho de Moimenta da Beira. Tendo em conta o texto exarado no término augustal de Goujoim, é ponto assente que os *Arabrigenses* estavam localizados a oriente dos Coilarni e “iriam até ao rio Torto ou à ribeira da Teja” (Alarcão, 2004, pp. 330-333), num território que abrangeria, portanto, desde as arribas da margem esquerda do Távora até às margens de um daqueles rios.

Para a localização da capital deste povo tem sido apontada a zona de Caria, Vila da Rua, Vide e Faia (Vaz, 1997, p. 323), onde se encontraram vestígios arqueológicos desse período, nomeadamente cerâmica de construção e doméstica, pesos de tear e moedas (Costa, 1979, pp. 140-141; Guia, 2001, pp. 45-76; 2001, p. 202, pp. 222-224; Hipólito, 1960-1961, pp. 52-54). Além desses, há a enumerar curiosa documentação epigráfica:

– o epitáfio de Balbo, filho de Mânio, Colarno, de 70 anos, em placa reaproveitada no pavimento da Capela de Nossa Senhora de Fátima, na Granja dos Oleiros (Santos & Encarnação, 2018, FE 672);

– a placa honorífica com a inscrição *BONO REI PVBLICE NATO* na frontaria da Capela do Espírito Santo, em Vide (CIL II 4643);

– e uma ara votiva, em Caria, dedicada a uma deusa, cujo nome específico se desconhece, o que pode indiciar ter sido esse ex-voto colocado no respectivo santuário (Encarnação & Santos, 2020, FE 730).

Em torno destas povoações, existem também núcleos de sepulturas escavadas na rocha.

Informa-nos Viterbo que, em 1788, apareceu uma inscrição nas “Casas do Beneficiado Lourenço Manoel de Almeida” no lugar de Vide (Viterbo, 1799, p. 237; PIR, 288). Esse texto foi posteriormente publicado por Hübner como sendo um miliário de Numeriano (CIL II 4641). O numeral IXXX da última linha pode ser interpretado como 18 *millia passuum*, 18 000 passos, a distância possível daí ao Rio Douro (Figueiredo, 1953, p. 61; Vaz, 1982, p. 85). Subsistem, porém, dúvidas quanto ao local original deste marco, que alguns autores colocam em Cidadelhe (PIR, 230), relacionando-o com a possível travessia do Douro na Barca de Moledo.

A via seguia de Vide em direção à Faia, contornando o alto da Ranhã. Na Faia, há registo da existência de uma calçada em Ladário e de um miliário, possivelmente do tempo de Constantino, a servir de suporte ao pequeno telheiro de uma casa particular (Encarnação & Santos, 2019, FE 712).

A existência de miliários nas aldeias de Vide e Faia sugere que a travessia do Rio Távora seria feita nesta zona, onde afluía também uma outra via proveniente de Viseu que corria no sentido sudoeste-nordeste, onde se detetou um provável miliário convertido em cruzeiro perto da Capela de São Domingos, entre Prados-de-Cima e Prados-de-Baixo (Encarnação & Santos, 2019, FE 717), capela em cuja fachada está encastrada uma estela funerária (CIL II 427; Canha, Encarnação & Santos, 2018, FE 677).

Na Quinta da Lagoa/Casa da Torre, identificou-se, em 1788, um miliário de Constantino Magno, que, segundo Bento da Guia (em *Os oito concelhos de Moimenta da Beira*), estava na Assembleia Distrital de Viseu, o que atualmente não se confirma. Termina a epígrafe com a expressão, não rara nessa época, *BONO REIP(ublicae) NATO*, ou seja, «Nascido para o bem da República» (CIL II 4642; Moreira, 1929, p. 89; Vaz, 1988, pp. 51-53; Guia, 2001, pp. 62-65).

A travessia do Rio Távora seria feita entre Faia e Freixinho. Fala-se da existência de poldras que ficaram submersas pela albufeira. Em Freixinho, do lado esquerdo (de quem olha de frente) do frontispício da igreja matriz achou-se outra coluna com características idênticas aos miliários (Figura 19).

Depois de atravessar o Távora, a via poderia bifurcar, seguindo um ramo para a sede da civitas Aravorum em Marialva, rumo talvez a Salamanca, e outro para sul, em direção ao oppidum de Póvoa do Mileu (Guarda), possível sede da civitas dos Lancienses Transcudani, rumo a Mérida pela ponte de Alcântara.

1.2. As colunas

Sem se pensar sequer em tentar sugerir uma cronologia para as colunas mencionadas e nem mesmo desvendar o que poderia estar (ou não) gravado nas suas superfícies, uma vez que, para além de apresentarem farta acumulação de líquenes, estão já muito gastas e maltratadas, crê-se, contudo, que, em geral, ainda poderão estar *in situ* ou perto da sua implantação original.

A grande maioria sobreviveu ao longo dos caminhos e das estradas, mantendo a sua função de baliza viária, frequentemente reutilizadas como termos administrativos ou de propriedade; outras, porém, foram associadas a locais sagrados (igrejas, capelas), em pontos fulcrais. Uma minoria foi, lamentavelmente, aproveitada como esteios de suporte, situação que resulta mais prejudicial à sua conservação.

Saliente-se que o marco de Santiago dista das colunas de Passos, Padrão e Campo 1, cerca de uma milha, em linha reta, que é a distância determinada, em regra, para a colocação destes elementos viários. O mesmo acontece entre os marcos de Padrão e Campo 2; Pocinhos e Vale Cavaleiro.

Quanto às características físicas, o marco de Vale Cavaleiro é o único que não tem forma cilíndrica. As colunas de Casal, Campo 1 e 2, Pocinhos são dotadas de uma base cúbica, mais larga, de aspeto rude, destinada a facilitar a implantação. O marco de São Lourenço apresenta forma atípica, sendo a base de menor perímetro em relação ao resto da coluna.

Em termos dimensionais, não é possível saber a altura total dos monumentos, tendo em conta que estão enterrados, uns mais do que outros. O mais alto acima do solo é o de Lameira Longa, cerca de 1,33 m. O perímetro na parte superior varia entre 0,81 e 1,42 m.

Chamou ainda a atenção, particularmente junto às colunas Campo 2 e Pocinhos, a existência de outros marcos, de granito, com as siglas da Universidade de Coimbra – VDE – esculpidas numa das faces, que também estarão *in situ*, testemunhando, por sua vez, a extensão do território e da influência desta instituição de ensino, quando recebia os dízimos das paróquias que lhe haviam sido atribuídos pelo Rei.

Em determinados casos, é possível manter os marcos, especialmente quando anepígrafos, no local onde se encontram. Quanto a outros, seria desejável acomodá-los, na falta de museus, em locais onde possam vir a ser estudados e apreciados, salvaguardando-os dos perigos a que estão sujeitos, podendo ser substituídos no local

original por cópias ou outro elemento que os simbolize, devidamente sinalizados e complementados de informação adequada.

1.3. Álbum fotográfico

Afigurou-se-nos que seria importante registar fotograficamente *in loco* os marcos a que fomos fazendo referência. Primeiro, para melhor identificação do sítio; depois, para mais perceptíveis ficarem as suas características.

Seguimos uma ordem geográfica, de norte para sul, e indicamos na legenda de cada um a localização administrativa e as coordenadas geográficas:

- São Lourenço;
- Casal;
- Padrão;
- São Romão 1;
- São Romão 2;
- São Romão 3;
- Passos;
- Santiago;
- Campo 1;
- Campo 2; Pocinhos.
- Vale Cavaleiro;
- Lameira Longa;
- Moimenta da Beira;
- Arcozelo do Cabo;
- Vide 1;
- Vide 2;
- Vide 3;
- Freixinho.



Figura 1 – São Lourenço. Fonte: JCSantos

Lugar	São Lourenço
Tipo	-
Localização Administrativa	Freguesia de Queimadela. Concelho de Armamar Freguesia de Salzedas. Concelho de Tarouca
Latitude	41°04'50.05'' N
Longitude	7°44'21.45'' O
Altitude	785 metros
Altura acima do solo	1,12 metros
Perímetro na parte superior	1,19 metros



Figura 2 – Casal, Passos. Fonte: JCSantos

Lugar	Casal, Passos
Tipo	-
Localização Administrativa	União de Freguesias de São Romão e Santiago. Concelho de Armamar
Latitude	41°04'30.50'' N
Longitude	7°42'48.38'' O
Altitude	812 metros
Altura acima do solo	0,67 metros
Perímetro na parte superior	1,20 metros



Figura 3 – EM 545, Padrão. Fonte: JCSantos

Lugar	EM 545, Padrão.
Tipo	-
Localização Administrativa	União de Freguesias de São Romão e Santiago. Concelho de Armamar
Latitude	41°04'20.54'' N
Longitude	7°42'25.19'' O
Altitude	782 metros
Altura acima do solo	0,94 metros
Perímetro na parte superior	1,28 metros



Figura 4 – São Romão 1. Fonte: JCSantos

Lugar	Rua Fundo do Povo nº 1, São Romão
Tipo	-
Localização Administrativa	União de Freguesias de São Romão e Santiago. Concelho de Armamar
Latitude	41°05'23.42'' N
Longitude	7°42'18.64'' O
Altitude	675 metros
Altura acima do solo	0,53 metros
Perímetro na parte superior	1,10 metros



Figura 5 – São Romão 2. Fonte: JCSantos

Lugar	Rua Fundo do Povo nº 6, São Romão
Tipo	-
Localização Administrativa	União de Freguesias de São Romão e Santiago. Concelho de Armamar
Latitude	41°05'22.12'' N
Longitude	7°42'20.10'' O
Altitude	680 metros
Altura acima do solo	1,13 metros
Perímetro na parte superior	-



Figura 6 – São Romão 3. Fonte: JCSantos

Lugar	São Romão 3.
Tipo	Adro da Igreja Matriz de São Romão
Localização Administrativa	União de Freguesias de São Romão e Santiago. Concelho de Armamar
Latitude	41°05'22.43'' N
Longitude	7°42'18.65'' O
Altitude	676 metros
Altura acima do solo	0,36 metros
Diâmetro na parte superior	0,30 metros



Imagem 7 – Passos. Fonte: JCSantos

Lugar	EM 545/Rua Principal/Rua Nova
Tipo	-
Localização Administrativa	União de Freguesias de São Romão e Santiago. Concelho de Armamar
Latitude	41°04'41.69'' N
Longitude	7°42'25.47'' O
Altitude	770 metros
Altura acima do solo	0,38 metros
Perímetro na parte superior	0,81 metros



Imagem 8 – Santiago. Fonte: JCSantos

Lugar	EM 545 - Rua do Palame - Avenida Prof. A. Duarte Araújo, Santiago
Tipo	-
Localização Administrativa	União de Freguesias de São Romão e Santiago. Concelho de Armamar
Latitude	41°04'35.90'' N
Longitude	7°41'29.82'' O
Altitude	692 metros
Altura acima do solo	0,70 metros
Perímetro na parte superior	1,02 metros



Imagem 9 – Campo1, Meixedo. Fonte: JCSantos

Lugar	Campo 1, Meixedo
Tipo	-
Localização Administrativa	Freguesia de Salzedas. Concelho de Tarouca
Latitude	41°04'07.06'' N
Longitude	7°42'12.17'' O
Altitude	815 metros
Altura acima do solo	1,17 metros
Perímetro na parte superior	1,22 metros



Figura 10 – EM 520, Campo 2. Fonte: JCSantos

Lugar	EM 520, Campo 2
Tipo	-
Localização Administrativa	União de Freguesias de São Romão e Santiago. Concelho de Armamar
Latitude	41°03'44.68'' N
Longitude	7°41'53.24'' O
Altitude	829 metros
Altura acima do solo	1,10 metros
Perímetro na parte superior	0,93 metros



Figura 11 – Pocinhos. Fonte: JCSantos

Lugar	Pocinhos
Tipo	-
Localização Administrativa	União de Freguesias de Granja Nova e Vila Chã da Beira. Concelho de Tarouca
Latitude	41°02'17.77'' N
Longitude	7°40'39.19'' O
Altitude	885 metros
Altura acima do solo	0,96 metros
Perímetro na parte superior	0,90 metros



Figura 12 – Vale Cavaleiro. Fonte: JCSantos

Lugar	Vale Cavaleiro
Tipo	-
Localização Administrativa	União de Freguesias de Granja Nova e Vila Chã da Beira. Concelho de Tarouca
Latitude	41°01'35.41'' N
Longitude	7°40'11.41'' O
Altitude	887 metros
Altura acima do solo	1,15 metros
Perímetro na parte superior	1,42 metros



Figura 13 – Lameira Longa. Fonte: JCSantos

Lugar	Lameira Longa
Tipo	-
Localização Administrativa	União de Freguesias de Granja Nova e Vila Chã da Beira Concelho de Tarouca
Latitude	41°01'20.07'' N
Longitude	7°40'06.59'' O
Altitude	879 metros
Altura acima do solo	1,33 metros
Perímetro na parte superior	0,97 metros



Figura 14 – Moimenta da Beira. Fonte: JCSantos

Lugar	Rua Vasco Baptista Mergulhão
Tipo	-
Localização Administrativa	Freguesia e Concelho de Moimenta da Beira
Latitude	40°58'53.93'' N
Longitude	7°36'40.07'' O
Altitude	662 metros
Altura acima do solo	1,20 metros
Perímetro na parte superior	-



Figura 15 – Arcozelo do Cabo. Fonte: JCSantos

Lugar	Portela/Rua do Forno
Tipo	-
Localização Administrativa	Freguesia de Arcozelos. Concelho de Moimenta da Beira
Latitude	40°58'28.23'' N
Longitude	7°35'36.82'' O
Altitude	592 metros
Altura acima do solo	0,40 metros
Diâmetro na parte superior	0,28 metros



Figura 16 – Vide 1. Fonte: JCSantos

Lugar	Rua de São João nº 8. Vide.
Tipo	-
Localização Administrativa	Freguesia de Vila da Rua. Concelho de Moimenta da Beira
Latitude	40°56'55.61'' N
Longitude	7°34'09.58'' O
Altitude	624 metros
Altura acima do solo	0,37 metros
Perímetro na parte superior	0,94 metros



Figura 17 – Vide 2. Fonte: JCSantos

Lugar	Rua do Outeiro nº 7, Vide.
Tipo	-
Localização Administrativa	Freguesia de Vila da Rua. Concelho de Moimenta da Beira
Latitude	40°56'54.47'' N
Longitude	7°34'09.39'' O
Altitude	624 metros
Altura acima do solo	0,32 metros
Perímetro na parte superior	1,08 metros



Figura 18 - Capela do Divino Espírito Santo, Vide. Fonte: JCSantos

Lugar	Vide 3
Tipo	Capela do Divino Espírito Santo, Vide,
Localização Administrativa	Freguesia de Vila da Rua. Concelho de Moimenta da Beira
Latitude	40°56'57.98" N
Longitude	7°33'59.21" O
Altitude	619 metros
Altura acima do solo	0,45 metros
Perímetro na parte superior	0,98 metros



Figura 19 – Freixinho. Fonte: JCSantos

Lugar	Freixinho
Tipo	Igreja Matriz de Freixinho
Localização Administrativa	União de Freguesias de Penso e Freixinho. Concelho de Sernancelhe
Latitude	40°56'16.62'' N
Longitude	7°31'42.23'' O
Altitude	573 metros
Altura acima do solo	0,48 metros
Perímetro na parte superior	0,99 metros

Bibliografia/Webgrafia

- Alarcão, J. de (2004). Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia. In *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7/1, 317-342.
- Canha, A., Encarnação, J. d' & Santos, J. C. de J. (2018). CIL II 427 revisitada. In *Ficheiro Epigráfico* 179. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Inscrição nº 677.
- Castro, A. S. e (2013). Vias Medievais nos Coutos monásticos de S. João de Tarouca e Sta. Maria de Salzedas. In *Actas das 1^{as} Conferências do Museu de Lamego/CITCEM*, 105-123.
- Castro, A. S. e (2013a). A paisagem monástica no Vale do Varosa: o caso dos mosteiros cistercienses de St.^a Maria de Salzedas e S. João de Tarouca. In *Revista CEM*, 4, 2013a.
- Castro, A. S. e (2014). *O Mosteiro de Santa Maria de Salzedas: Da fundação à extinção. Lamego: Vale do Varosa*. Direção Regional de Cultura do Norte.
- Costa, M. G. da (1979). *História do bispado e da cidade de Lamego. Idade Média: paróquias e conventos*. Lamego, vol. II.
- Encarnação, J. d' & Santos, J. C. de J. (2019). Miliário da Raposeira (Faia, Sernancelhe). In *Ficheiro Epigráfico* 193. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Inscrição nº 712.
- Encarnação, J. d' & Santos, J. C. de J. (2019). Miliário de Prados (Vila da Rua, Moimenta da Beira). In *Ficheiro Epigráfico* 195. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Inscrição nº 717.
- Encarnação, J. d' & Santos, J. C. de J. (2020). Ara votiva romana em Caria (Moimenta da Beira). In *Ficheiro Epigráfico* 199. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Inscrição nº 730.
- Figueiredo, M. de (1953). Subsídios para o estudo da viação romana das Beiras. In *Beira Alta*, Viseu, vol. XI-XII.
- Gouveia, J. R. (2009). *Os pelourinhos do concelho de Moimenta da Beira*. Moimenta da Beira: Câmara Municipal de Moimenta da Beira.
- Guia, A. B. da (2001). *As vinte freguesias do concelho de Moimenta da Beira*. Moimenta da Beira: Câmara Municipal de Moimenta da Beira. 3^a ed.
- Guia, A. B. da (2001). *Os oito concelhos de Moimenta da Beira*. Moimenta da Beira: Câmara Municipal de Moimenta da Beira. 3^a ed.

- Guia, A. B. da (2002). *Foral e Pelourinho de Moimenta da Beira*. Moimenta da Beira: Câmara Municipal de Moimenta da Beira.
- Hipólito, M. de C. (1960-1961). Dos tesouros de moedas romanas em Portugal. In *Conimbriga*. Coimbra: FLUC, 2-3, 1-166.
- Hübner, E. (1869; 1892). *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II. Berlim (= CIL II).
- Monteiro, J. G. (1999). *Armamar – Terra e Gente*. Armamar: Câmara Municipal de Armamar, 194.
- Moreira, A. V. (1929). *Cernancelhe e seu Alfoz*. Porto, oficinas d'O Comércio do Porto.
- PIR = Jordão, L. M. (1859). *Portugalliae inscriptiones romanae*. Lisboa: Tipografia da Academia.
- Santos, J. C. de J. (20-03-2009). À descoberta do património: A Forca da Corujeira. In *Jornal Beirão*. Edição nº 9.
- Santos, J. C. de J. (14-12-2012). À descoberta do património: Diversidade tumular. In *Jornal Beirão*. Edição nº 96.
- Santos, J. C. & Encarnação, J. d' (2018). Um Colarnus em Moimenta da Beira. In *Ficheiro Epigráfico* 177. Inscrição nº 672.
- Santos, J. C. & Encarnação, J. d' (2020). Colunas anepígrafas em Moimenta da Beira e Sernancelhe – Coluna em Paçô, Coluna em Cerca, Coluna em Charangões. In *Ficheiro Epigráfico* 199. Inscrições nºs 731, 732 e 733.
- Soutinho, P. (2021). Alguns comentários sobre os números FE 731 a 733 (possíveis miliários no concelho de Moimenta da Beira). In *Ficheiro Epigráfico* 210.
- Vaz, J. L. I. (1988). *Epigrafia Romana da Assembleia Distrital de Viseu*. Viseu: Governo Civil.
- Vaz, J. L. I. (1979). Término Augustal de Goujoim (Armamar). In *Conimbriga*, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 18, 133-138.
- Vaz, J. L. I. (1982). A estrada do bispo Alves Martins. Velha estrada romana? In *Beira Alta*. Viseu, vol. XLI, 4, 78-87.
- Vaz, J. L. I. (1997). *A civitas de Viseu. Espaço e sociedade*. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro, 1997.
- Vieira, M. A. (2004). *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Viterbo, Frei J. de S. R. de (1799). *Elucidário das Palavras Termos e Frases (...)*. Lisboa: Typographia Regia Silviana (1ª Edição), 2 vol.

